

Notas sobre os Sonetos Ingleses de um Poeta Português: 35 *Sonnets* de Fernando Pessoa

Gonçalo Santos Dias

(Instituto de Estudos de Literatura
e Tradição – IELT)

A ligação de Fernando Pessoa a Inglaterra e à língua inglesa é estreita e incontornável. Numa época em que a cultura francesa é dominante, Pessoa vira a sua atenção para uma Inglaterra longínqua. Desde os trabalhos de tradução e correspondência, passando pela leitura atenta de autores ingleses, dos quais importa destacar John Milton e William Shakespeare, até à anotação, crítica e, veremos, a emulação (ou não?) da sua escrita literária, Pessoa pretende chegar ao público inglês. A sua indiscutível admiração pela, e o seu conhecimento da língua, literatura e cultura inglesas (não nos esqueçamos de que Pessoa realizou parte da sua educação em Durban, África do Sul, devido à profissão do seu pai, onde aprendeu, não só a língua, mas os clássicos da literatura inglesa), levou-o a escrever também neste idioma. Em 1903, é até o grande vencedor do Prémio Rainha Victoria atribuído pela Universidade do Cabo da Boa Esperança a textos escritos em inglês.

Pessoa foi, de facto, um autor prolífico em língua inglesa:¹ em 1918 publica dois folhetos de poesia – *Antinous*² e *35 Sonnets*. Três anos depois, em 1921, publica *English Poems I-II* (composto por uma

1. V. Pessoa, *English Poetry*.

2. V. *Ibidem* 89-102.

versão revista de *Antinous e Inscriptions*³) e *English Poems III* (composto por *Epithalamium*⁴). Para além dos poemas publicados em vida (em folheto ou dispersos por publicações periódicas), vários foram os textos inéditos que os investigadores foram descobrindo no espólio do autor redigidos em língua inglesa. O exemplo mais amplamente divulgado será a poesia de Alexander Search,⁵ personalidade ou personagem literária bem conhecida do público português e que motivou até a criação de um projeto musical do qual fazem parte Júlio Resende e Salvador Sobral.⁶ Ademais, em final de vida, Pessoa deixa a sua última frase escrita em inglês: “I know not what tomorrow will bring”. O próprio autor considera os três textos referidos anteriormente como válidos:

Obras que tem publicado: A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por varias revistas e publicações ocasionaes. O que, de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: “35 Sonnets” (em inglez), 1918; “English Poems I-II” e “English Poems III” (em inglez tambem). (Pessoa *apud* Sepúlveda, *Livros* 26)

No entanto, mesmo reconhecendo a sua validade como parte integrante da obra, nunca coloca de lado a necessidade de revisão destes textos e até da sua eventual recusa total: “Ha que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.” (*Ibidem*) Esta mesma ideia é transmitida no texto “Tábua Bibliográfica”, no qual indica:

Fernando Pessoa publicou, ortonimamente, quatro folhetos em verso inglês: *Antinous e 35 Sonnets*, juntos, em 1918, e *English Poems I-II* e *English Poems III*, também juntos em 1922. O primeiro poema do terceiro destes folhetos é a refundição do “Antinous” de 1918. (Pessoa, “Tábua” parag. 5)

3. V. *Ibidem* 105-109.

4. V. Pessoa, *Poemas Ingleses* 125-153.

5. V. Pessoa, *English Poetry* 21-48.

6. Disponível no canal de *Youtube* do projeto em [youtube.com/@alexandersearch9658/videos](https://www.youtube.com/@alexandersearch9658/videos).

Também neste texto, Pessoa afirma que “Nenhum destes textos é definitivo. Do ponto de vista estético, o autor prefere, pois, considerar estas obras como apenas aproximadamente existentes.” (*Ibidem*) Assim sendo, é evidente que se trata de textos que o autor vê como inacabados e que poderiam vir a sofrer revisões posteriores. Este processo havia sido já iniciado com *Antinous* e continuaria com *35 Sonnets* através de anotações autógrafas manuscritas que nunca se materializam numa publicação, neste último caso.

Assim, em 1918, Fernando Pessoa publica pela sua própria mão um conjunto de trinta e cinco sonetos redigidos em língua inglesa, de estilo shakespeariano ou isabelino, intitulado *35 Sonnets*, através da editora Monteiro & Co., impresso na tipografia Lamas, Mota & C.^a. Posteriormente, o autor anota copiosamente dois exemplares pertencentes à sua biblioteca pessoal, anotações essas que poderiam fazer prever uma segunda edição que nunca chega a concretizar-se. Uma das possíveis explicações para a não publicação desta segunda edição prende-se com o cortejo de críticas por que Pessoa passa na década de 1910 quando pretende publicar os seus escritos em inglês.

No entanto, contrariamente a *Antinous*, em que existe uma intenção autoral que Pessoa expressa na republicação do texto, o caso de *35 Sonnets* torna-se mais complexo, na medida em que o espólio do autor nos leva a concluir que o texto publicado não corresponde à sua intenção final, já que são encontradas duas grandes campanhas de revisão global da obra no seu espólio, datadas entre 1920 e 1921. Por conseguinte, cabe ao crítico textual a fixação de um texto que se espera que corresponda à intenção autoral. Para além desta questão, existem ainda seis planos de publicação do folheto de sonetos, com diferentes datas, ordens de apresentação e número de sonetos.⁷ Pessoa foi, por conseguinte, escritor, editor e revisor de *35 Sonnets*.

A este respeito, importa entender como é que esta ligação tão evidente de Pessoa-civil, Pessoa-escritor e, mais especificamente, de *35 Sonnets* à tradição literária inglesa se manifesta, em que medida a

7. Pessoa escreve bem mais do que os 35 sonetos que chegaram a publicação. Aliás, num dos planos de publicação figuram 88 composições. V. Dionísio 139-141.

ultrapassa, o que nos diz sobre a poesia de Pessoa e como é recebida pela crítica e pelo público.

Nesta época, a Inglaterra que Pessoa conhece é a Inglaterra das obras literárias e dos livros de História, imaginada também à luz das palavras dos seus correspondentes que lá residiam. Uma Inglaterra contada, aprendida, estática, o que leva Jorge de Sena a intitulá-la de uma “Inglaterra mítica.” (*Poemas Ingleses* 17) Sendo uma Inglaterra longínqua, é esta que terá invariavelmente de se traduzir nos seus textos, em particular em *35 Sonnets*. Aliás, nos seus sonetos, Pessoa traz-nos a linguagem, o vocabulário, as construções sintáticas de uma Inglaterra longínqua no espaço e no tempo – a Inglaterra de Shakespeare. Mas não só na forma se traduz este país. O paradoxo levado ao extremo e o ceticismo epistemológico (quase cartesiano) remetem também os leitores a este tempo remoto. Esta será uma das razões que levará Jorge de Sena a afirmar que Pessoa era “(...) em inglês (...) infinitamente menos vanguardista do que o estava simultaneamente sendo em português.” (*Ibidem* 36) No seu ciclo de sonetos, o autor parece emular o passado, tanto em estilo de homenagem, como para provar que conseguiria escrever tão bem ou melhor que um dos autores mais consagrados da literatura mundial numa língua que, não sendo sua de nascença, adota e conhece intricadamente. Na realidade, não é apontada nenhuma crítica ao inglês de Pessoa, exceto a sua anacronia.⁸ Russom, em 2016, afirma: “After devoting more than forty years to the study of English linguistics, I could not find one instance of second language confusion in *35 Sonnets*.” (165) Porém, “(...) às vezes uma pessoa é mal sucedida no seu esforço de mostrar que *domina* uma língua (...).” (Sena, *Fernando Pessoa* 333-334)

Pessoa foi, então, alvo de um rol de críticas relativamente aos seus escritos em inglês, nomeadamente *35 Sonnets*. Entre vários investigadores e críticos da sua obra, esta é considerada uma composição menos notável. Os críticos ingleses pareceram encontrar nos sonetos um conjunto de composições altamente arcaicas e uma emulação sem novidade ou originalidade da literatura isabelina. A

8. V. *Times Literary Supplement*. (Apud Dionísio 23)

tentativa de ser um grande poeta inglês ou para o público inglês parece cair por terra:

Mas esse grande poeta português e da língua portuguesa poetou em inglês (chegou a conceber a hipótese, que lhe falhou, de ser um poeta para a Inglaterra), e pode mesmo dizer-se que, toda a sua vida pensou em inglês, tanto ou mais que em português. É, convicção minha que o cerne do seu pensamento poético tão complexo, se encontra nos 35 *Sonnets* (...). (*Ibidem* 400)

Não obstante, a crítica moderna tem vindo a dar cada vez mais atenção aos textos de Pessoa em inglês e, em particular, *35 Sonnets*. Destacam-se Luísa Freire, Jorge de Sena, Esteban Torre, Luciana Stegagno Picchio, entre vários outros, dada a importância que os sonetos (e a restante obra em língua inglesa) assumem na identidade literária de Fernando Pessoa, apresentando temáticas e construções estilísticas e sintáticas que transporta para a sua poesia em português. Sena (*Poemas Ingleses* 13-14) chega até a afirmar que parte da poesia de Pessoa em português é resultado de uma tradução do seu pensamento em inglês para a língua materna, o que o leva a tomar determinadas opções estilístico-sintáticas que advêm da gramática britânica. Desta forma, o estudo desta poesia torna-se absolutamente fundamental na compreensão da obra como um todo.

Apesar de considerados menos notáveis, a crítica britânica, destacando os nomes de Sir Walter Alexander Raleigh, George E.B. Sainstbury e Stopford A. Brooke, aos quais Pessoa enviou o folheto após a sua publicação, “não os reconheceu inteiramente mal”, mas também não fomentou a “esperança de que a Inglaterra o reconheceria pelo que ele prometia ser (...).” (Sena, *Fernando Pessoa* 333) Era facto que Pessoa pretendia publicar no estrangeiro, dado o pouco conhecimento da língua inglesa por parte do público português,⁹ ao

9. “Pessoa sabia perfeitamente que, no seu tempo, e entre os seus amigos ou possíveis críticos, não havia, ou quase não havia, quem lesse inglês (...).” (Sena, *Fernando Pessoa* 333)

que se acrescenta o elevado grau de dificuldade do inglês de Pessoa. Este pretendia veicular uma adaptação moderna e original dos sonetos de Shakespeare, (Pessoa 1985, 73-78) sendo que a crítica parece identificar apenas uma “cultura britânica bebida e vivida num páramo distante do então Império igualmente britânico, e uma língua em que os valores literários lhe haviam sido ensinados.” (Sena, *Fernando Pessoa* 337) Esta tentativa de demonstração de domínio da língua leva ainda Sena a afirmar que “(...) se confina a complicar pela complicação, transformando a poesia num exercício literário.” (*Ibidem* 78) Ou seja, encontramos em 35 *Sonnets* um inglês perfeito, mas excessivamente lírico e complexo. Se para o público português os sonetos eram impercetíveis, para o público inglês eram excessivamente antiquados e pouco originais.

De facto, dos sonetos de Shakespeare ficou, nos sonetos pessoanos, a complexidade formal e literária, mas não só. Como se verá numa breve análise do conteúdo dos poemas, vários são os temas transportados para a sua poesia em português. Jorge de Sena fala-nos da poesia ortónima, principalmente, (Sena, *Poemas Ingleses* 77) mas veremos que o pensamento pessoano em inglês também é transportado para a poesia heteronímica. Vários anos depois, Sena parece ter aprofundado esta sua ideia, indicando “que não são grande poesia, mas que há neles momentos de grande poesia. E que importam muito pelo que revelam do poeta Fernando Pessoa (...) e por conterem, sobretudo os sonetos, muitos dos temas, ou praticamente todos, que ele desenvolverá em diversas direções.” (*Fernando Pessoa* 344)

Sena vai até mais longe ao afirmar que os sonetos se encontram “(...) no plano de uma imitação que não imita senão as exterioridades dos jogos formais (...),” (*Poemas Ingleses* 80) referindo não só Shakespeare, de quem, aliás, até chega a distanciar Pessoa para o aproximar dos seus sucessores. Ainda assim, Pessoa vai beber bem mais a Shakespeare do que Sena parece dizer-nos. A crítica do *Times Literary Supplement* é clara quanto a esta questão, aproximando Pessoa de Shakespeare, mas também de outros autores da época:

Mr. Pessoa's command of English is less remarkable than his knowledge of Elizabethan English. He appears to be steeped in Shakespeare; and, if he is not acquainted with Daniel, John Davies of Hereford, and other Tudor philosophical poets, this affinity with them is even more remarkable than it appears. (*Apud* Dionísio 23)

Note-se ainda a surpresa pela utilização de uma linguagem completamente desatualizada e que não cabe na poesia que se produzia em Inglaterra em 1918. A crítica não é, portanto, propriamente favorável a esta produção poética, mas não a recebe inteiramente mal, sendo-lhe reconhecidas algumas qualidades.

A crítica do *Glasgow Herald* segue no mesmo sentido, destacando uma lírica difícil de compreender, derivada da imitação de Shakespeare: "The sonnets are well done, and but for a certain crabbedness of speech, due to an imitation of a Shakespearean trick, would be excellent." (*Apud* Dionísio 23) Por outro lado, a revista *Athenaeum* foca a sua crítica no conteúdo dos sonetos, bem como na sua progressão lírica: "A pessimistic note predominates in these sonnets, and they end in a minor key. The mystery of being mainly occupies the author." (*Apud* Dionísio 24) Veja-se, aqui, a ideia de ceticismo epistemológico associada ao mistério da existência que pervade todo o ciclo. Ainda no campo do conteúdo, diz novamente o *Times Literary Supplement*:

The sonnets, on the other hand, probing into mysteries of life and death, of reality and appearance, will interest many by reason of their ultra-Shakespearian Shakesperianisms, and their Tudor tricks of repetition, involution and antithesis, no less than by the worth of what they have to say. (*Apud* Dionísio 23)

A crítica inglesa contemporânea à publicação dos sonetos não é, por conseguinte, entusiástica aquando da sua receção. Porém, em 1977, Sena vem em defesa dos sonetos, contrariamente ao que expressara em 1974, indicando que Pessoa escreve antes do tempo da redescoberta do gosto inglês pela poesia que os sonetos pretendiam representar: o Maneirismo e a metafísica levados ao seu expoente:

Em risco de repetir-me, devo sublinhar duas coisas em abono do pouco entusiasmo dessa crítica inglesa. O lado “metaphysical” de Pessoa, levado ao cúmulo do Maneirismo quinhentista-seiscentista, nos sonetos dele, não podia ainda ser devidamente apreciado, porque antecipava de alguns anos a ressurreição britânica dos poetas “metafísicos” ingleses, que se processou nos anos vinte sobretudo (...). Se bem que a incompreensão dos sonetos seja culpa que não lhe cabe (...). (Sena, *Fernando Pessoa* 333-334)

Tome-se como exemplo o soneto VIII (edição de 1993 de João Dionísio¹⁰):

How many masks wear we, and undermasks,
 Upon our countenance of soul, and when,
 If for self-sport the soul itself unmasks,
 Knows it the last mask off and the face plain?
 The true mask feels no inside to the mask
 But looks out of the mask by co-masked eyes.
 Whatever consciousness begins the task
 The task's accepted use to dullness ties.
 Like a child frightened by its mirrored faces,
 Our souls, that children are, being thought-losing,
 Foist otherness upon their seen grimaces
 And get a whole world on their forgot causing;
 And, when a thought would unmask our soul's masking,
 Itself goes not unmasked to the unmasking.

Aqui, o sujeito poético, recorrendo a um discurso extremamente lírico, preocupa-se com a existência do ser, num tom metafísico, com a relação eu-outro e destes agentes para com o mundo. Repare-se na qualidade epigramática do dístico indentedo, a ideia de máxima universal de que nem o pensamento é capaz de retirar totalmente a máscara. Esta ideia de máscara, que atravessa toda a composição,

10. Todas as referências seguintes a sonetos são retiradas desta edição publicada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda.

remete, para além de temáticas ortónimas, para textos como “Depus a máscara e vi-me ao espelho...”, de Álvaro de Campos,¹¹ que viria a ser redigido apenas em 1934.

Quanto ao seu conteúdo, parece redutor indicar que os sonetos são apenas expressões pessimistas e metafísicas de uma busca pelo sentido de ser. O tema que domina todo o ciclo é o paradoxo levado ao seu limite, numa dialética entre o ser o parecer que pretende questionar a realidade, a verdade, a vida, o mundo e os sentidos, questões essas que nunca chegam a ser resolvidas: “Appearance even as appearance lies, / Haply our close, dark vague, warm sense of seeing/Is the choked vision of blindfolded eyes.” (Soneto II, vv. 6-8) Esta hiperconsciencialização de tudo o que rodeia o eu eleva-se a um plano neoplatónico em que toda a experiência ascende ao mundo das ideias, até mesmo a experiência sensorial. A questão principal prende-se com a ideia de conhecimento por alcançar que nunca tem uma resposta definitiva e cuja intensidade vai aumentando à medida que o leitor avança no ciclo. Neste sentido, se Shakespeare não ascende a um plano tão metafísico e abstrato como o de Pessoa, em Pessoa não existe o lirismo apaixonado que encontramos em Shakespeare, verificando-se indubitavelmente uma recusa do amor apaixonado ou erótico. (Lourenço 131-155)

É nos recursos formais que Pessoa mais se aproxima de Shakespeare e dos restantes poetas isabelinos e jacobianos. Também os sonetos de Fernando Pessoa são compostos por catorze versos, divididos em três quadras e um dístico. A rima é cruzada e emparelhada, seguindo o modelo do pentâmetro iâmbico, introduzindo, porém, certas variações que dotam os sonetos de uma maior complexidade formal. Russom é quem melhor o explicita:

In 35 *Sonnets* (PESSOA, 1918), the author employs a Shakespearean rhyme scheme and a number of Shakespeare’s rhythmical devices. The sonnets would not work as forgeries, however, because Pessoa’s lines are more complex than Shakespeare’s on average and because Shakespeare does not use some of Pessoa’s most complex rhythms. (152)

11. V. Pessoa, *Poesias de Álvaro de Campos* 61.

O que o autor afirma e, posteriormente, comprova, é que Pessoa recorre a mecanismos métricos que ultrapassam aqueles empregues por Shakespeare e que exploram as várias possibilidades de variação do pentâmetro iâmbico. Pessoa, atento e crítico sobre a sua própria obra, estava perfeitamente consciente das opções de cadência que tomava, sabendo que estaria a introduzir novidade relativamente a Shakespeare, algo que a crítica parece não reconhecer até muito após a publicação dos sonetos.

Vejamos versos em que Pessoa segue o pentâmetro iâmbico regular: "But when | I came | where thou | wert laid, | and saw (soneto IV, v. 9) ou "In night | ly horr | ors of | despaired | surmise." (soneto III, v. 12)¹² Por outro lado, vejam-se dois dos vários exemplos em que é possível encontrar a variação referida: "And the | will to | renounce | doth al | so miss." (soneto XXIX, v. 4) Neste verso, encontra-se uma inversão trocaica no segundo pé, no qual a sílaba acentuada precede a sílaba curta. Neste caso, o monossílabo acentuado "will" é colocado na posição fraca do pé. O mesmo acontece no segundo pé de "When I | think on | this and | that here | I stand." (soneto XVIII, v. 8) Esta é uma variação possível de ser encontrada na poesia shakespeariana, tal como várias outras encontradas nos sonetos de Pessoa, mas que aumentam a complexidade rítmica dos versos.

Olhe-se, agora, para casos de variação que não são empregues por Shakespeare. Em "Still sug | gests form | as aught | whose pro | per being" (soneto XXI, v. 3) verifica-se uma dissonância a três níveis distintos logo no primeiro pé: o limite da palavra não corresponde ao limite do pé; a sílaba não acentuada da palavra que foi partida em dois pés encontra-se numa posição forte no primeiro pé; e a sílaba tónica ocupa uma posição tipicamente fraca no caso do pentâmetro iâmbico.

No caso de "In ir | repara | ble same | ness far | away" (soneto XXVII, v. 4) é possível identificar quatro dissonâncias consecutivas do pentâmetro iâmbico regular. Estas dissonâncias referem-se ao primeiro e segundo pés: limite da palavra e limite do pé; as sílabas

12. O símbolo [|] separa os pés.

“In”, “ir” e “rep” encontram-se em posições opostas à sua acentuação. Ademais, neste verso, é adicionada uma sílaba átona no final do segundo pé, o que atribui ao soneto um grau de irregularidade métrica que não seria encontrado em Shakespeare.

Estes são alguns exemplos ilustrativos da variação métrica suscetível de ser verificada nos sonetos de Pessoa e que se traduzem numa fuga ao modelo shakespeariano, mantendo-se, no entanto, no modelo do soneto inglês. (Russom 160) Pensando em escritores ingleses como Alexander Pope, John Milton – “John Milton é o autor que Fernando Pessoa repetidamente coloca ao lado de Shakespeare” (Antunes 61) – ou John Donne, Russom afirma perentoriamente que “Pessoa differs from these English sonneteers in employing complex rhythms more often. His sonnets are certainly more difficult than Shakespeare’s (...) Pessoa provides hints that he knows exactly what he is doing”, (162-163) o que poderá constituir um prenúncio da sua orientação modernista que se manifesta na poesia em português.

De resto, tal como no soneto inglês, a primeira quadra introduz o assunto, as duas seguintes desenvolvem-no e o dístico apresenta uma conclusão apoteótica de ensinamento ou máxima universal.

Pode então concluir-se que, em *35 Sonnets*, Pessoa realiza uma apropriação (atualizada à luz do seu tempo e da sua poética) de um passado literário tão distante para um público que não o conhece nem o sabe ler, tão próximo para um outro que não lhe reconhece valor (e que acaba por vê-lo apenas como desatualizado). É inegável a mestria de Pessoa na construção dos sonetos ingleses, que oferecem uma perspectiva mais alargada da sua obra como um todo e que merecem especial destaque e relevância, oferecendo pistas não só sobre a construção da sua obra, mas também da sua relação com uma Inglaterra imaginada, aprendida e apreendida.

Obras Citadas

- Alexandrino E. Severino. *Fernando Pessoa na África do Sul. A Formação Inglesa de Fernando Pessoa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, col. "Estudos Portugueses", n.º 14, 1983.
- Antunes, Madalena Lobo. "Fernando Pessoa: entre Milton e Shakespeare". *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 3, 2016: 58-74. Disponível em estranharpessoa.com/nmero-3. Consultado em abril de 2024.
- Dionísio, João. "Introdução" e "Aparato". *Poemas Ingleses, Antinous, Incriptions, Epithalamium, 35 sonnets*. Vol. V, Tomo I, Edição Crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993. 7-37 e 150-254.
- Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações*. Ed. Pedro Sepúlveda, Ulrike Henny-Krahmer e Jorge Uribe. Lisboa/Colónia: IELT-NOVA FCSH e CCeH, Universidade de Colónia, 2017-2024. Disponível em: <http://www.pessoadigital.pt>. Consultado em maio de 2024.
- Lourendo, Eduardo. *O Lugar do Anjo. Crítica Pessoaana II (1983-2017)*. Obras Completas de Eduardo Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2022.
- Pessoa, Fernando. *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- . *English Poetry*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2016.
- . *Poemas Ingleses, Antinous, Incriptions, Epithalamium, 35 sonnets*. Vol. V, Tomo I, Edição Crítica de Fernando Pessoa. Ed. João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- . *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944.
- Russom, Geoffrey. "Metrical Complexity in Pessoa's 35 Sonnets" in "Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa". *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, no. 10, 2016: 151-172. Issn: 2212-4179. Disponível em brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/. Consultado em fevereiro de 2024.
- Sena, Jorge de. "Introdução Geral" e "Notas aos Textos e Variantes". *Poemas Ingleses*. Lisboa: Ática, 1974. 13-87 e 207-230.
- . *Fernando Pessoa e C.ª Heterónima*. Obras de Jorge de Sena. Estudos Coligidos, 1940- 1978. Lisboa: Edições 70, 2000.
- Sepúlveda, Pedro. *Os Livros de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 2013.